



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado da Fazenda
Diretoria de Planejamento Orçamentário

Indicadores Econômico-Fiscais

Santa Catarina, Julho de 2016

SUMÁRIO

| | | pág |
|------|--|-----|
| | INTRODUÇÃO | 3 |
| 2 | RESUMO EXECUTIVO - Arrecadação desaba em semestre difícil | 4 |
| 3 | QUADRO RESUMO | 6 |
| 4 | RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - RCL | 7 |
| 5 | RECEITA TRIBUTÁRIA – RT | 8 |
| 6 | RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL - RLD | 9 |
| 7 | OUTROS INDICADORES FISCAIS | 10 |
| 8 | NÍVEL DE ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE | 11 |
| 8.1 | Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor | 11 |
| 8.2 | Produção Agropecuária – Produção e Preços dos Principais Produtos | 12 |
| 8.3 | Produção Industrial Física | 13 |
| 8.4 | Volume e Receita Nominal de Vendas do Comércio Varejista Ampliado | 14 |
| 8.5 | Receita Nominal do Setor de Serviços | 15 |
| 8.6 | Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica | 16 |
| 8.7 | Mercado de Trabalho | 17 |
| 8.8 | Comércio Exterior | 18 |
| 8.9 | Índices de Confiança | 19 |
| 8.10 | Desempenho por Estado da Federação | 20 |
| 9 | OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS – Inflação e Taxa de Câmbio | 21 |
| 10 | ECONOMIA INTERNACIONAL | 22 |

NOTA EXPLICATIVA: A DIOR não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Indicador de Conjuntura. Apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.

INTRODUÇÃO

O boletim “Indicadores Econômico-Fiscais” de Santa Catarina traz dados estatísticos da economia e das receitas do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o Produto Interno Bruto (Pib), emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, vendas e receitas do comércio, consumo de energia elétrica, consumo aparente de cimento, vendas de óleo, inflação e câmbio, e as expectativas de agentes econômicos, entre outros indicadores da economia estadual.

Os indicadores são atualizados periodicamente propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica presente no Estado, sua comparação com o País e o delineamento das tendências de curto prazo da economia. Nesta edição, além de um panorama recente da crise econômica e uma síntese dos principais indicadores da economia estadual disponíveis até a primeira semana de agosto, serão apresentados novos indicadores fiscais, os quais serão atualizados mensalmente e passarão a fazer parte deste boletim. São mais de 20 indicadores econômicos organizados e divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina.

Espera-se que os dados e as informações aqui apresentados tragam suporte ao processo de elaboração do orçamento estadual bem como à tomada de outras decisões estratégicas de agentes públicos e privados.

Homepage: <http://www.sef.sc.gov.br/relatorios/dior/boletim-de-indicadores-economico-fiscais>

2. RESUMO EXECUTIVO – Arrecadação desaba em semestre difícil

A receita tributária tem frustrado as expectativas do governo estadual. Seu valor tem crescido abaixo do orçado desde princípios de 2015, sendo que a partir do segundo semestre daquele ano, seu crescimento ficou abaixo da inflação. Neste primeiro semestre o quadro se agravou ainda mais, intensificando a preocupação com o fechamento das contas públicas.

Ilustra a gravidade da crise, a comparação da evolução da arrecadação dos últimos 12 meses até junho, em relação ao mesmo período anterior, das principais receitas e despesas correntes do Estado. O ICMS e as transferências correntes, as quais responderam por 82% da arrecadação no período, cresceram em termos reais, apenas 0,5% e 5,5%, respectivamente, enquanto as despesas correntes, cresceram 8,4%.

No mês de julho, dados ainda preliminares, já indicavam outra frustração de receita. A arrecadação teve o pior desempenho para o mês desde 2004, quando foi implantado o Sistema de Administração Tributária na Fazenda.

Este baixo desempenho tem origem, obviamente, no nível de atividade econômica no Estado e País, que impactaram na arrecadação tributária e nas transferências da União.

No acumulado do ano até maio, comparado com o mesmo período do ano anterior, a produção da indústria catarinense caiu 7%, com destaque para a retração da metal-mecânica, a de minerais não metálicos, a de borracha e plásticos e a têxtil. A única que cresceu foi a de alimentos.

No comércio a retração no período foi ainda maior. O volume de vendas caiu quase 12%, com destaque para a queda no varejo de materiais de escritório, de livros e jornais, de veículos e de móveis e eletrodomésticos. O varejo de alimentos teve queda de 13%. A queda nas vendas de materiais de construção foi 13,5% e a de combustíveis e lubrificantes, de 7,7%. Estes dois últimos, de grande impacto na arrecadação de impostos estaduais.

Os serviços, da mesma forma, também tiveram queda na receita nominal. A forte queda nos serviços prestados principalmente nos segmentos de transporte tem puxado o resultado ruim do setor.

Outra dimensão da crise pode ser avaliada pelo consumo de energia elétrica, também de alto impacto na arrecadação, que

caiu no primeiro semestre, na comparação, com o mesmo período do ano anterior, em 0,8%. O consumo industrial, na mesma comparação, caiu 4% e o comercial, 1%.

Diante desta realidade, a taxa de desemprego no Estado passou de 4,2% no quarto trimestre de 2015, para 6% no primeiro trimestre de 2016. A taxa teve um crescimento significativo, mas ainda é a menor do País, cuja taxa está em 10,9%, ante 9% no trimestre anterior.

Nos últimos 12 meses, o saldo líquido é de 80 mil empregos formais perdidos em Santa Catarina. Esse quadro negativo deverá persistir no segundo semestre, já que a incipiente e ainda incerta recuperação econômica tem efeito defasado no mercado de trabalho.

Contudo, a evolução recente dos fatos tem mostrado que é possível crer que o pior tenha passado. Trazem certo alento para os próximos meses a maior perspectiva de dissipação dos grandes problemas políticos e econômicos que vinham assombrando e travando o País. A credibilidade da nova equipe econômica e a esperança de um ambiente político menos perturbado para a aprovação das reformas demandadas estão melhorando a confiança no País e diminuindo o risco associado ao País.

A melhora generalizada na confiança dos empresários do comércio, dos serviços e dos industriais deverá continuar trazendo reflexos positivos na economia real nos próximos meses.

A melhora observada na indústria nacional que cresceu por 4 meses seguidos já reflete efeitos da melhora do ambiente econômico. Nos últimos meses, embora mais lentamente do que o esperado, a inflação entrou em trajetória descendente, as contas públicas se tornaram mais transparentes e o ajuste fiscal entrou na pauta de prioridades, melhorando as perspectivas de recuperação econômica no médio e longo prazo.

O consumo das famílias, no entanto, deverá continuar avançando lentamente, já que o crédito continuará caro, o endividamento ainda é alto e o desemprego permanecerá elevado. Com isso, as vendas no varejo deverão continuar fracas e a indústria levará tempo para recuperar a produção pré-crise.

A recuperação, portanto, deverá ser lenta e gradual. As indefinições acerca do impeachment e o assombro das eleições municipais estão adiando e flexibilizando o ajuste fiscal, assim como poderão ter impactos nas reformas da previdência e em outras previstas, fundamentais para a melhora do ambiente econômico.

Somente teremos uma retomada mais consistente da atividade econômica na medida em que tais incertezas se dissipem definitivamente e que reformas estruturantes sejam amplamente discutidas e aprovadas, permitindo a volta da confiança, do consumo e dos investimentos.

Paulo Zoldan

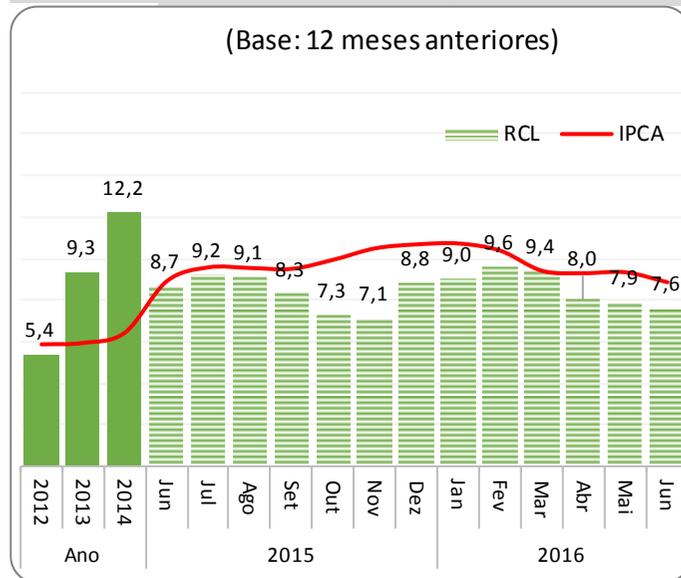
Economista

3 QUADRO RESUMO – INDICADORES DA ATIVIDADE ECONÔMICA EM SANTA CATARINA

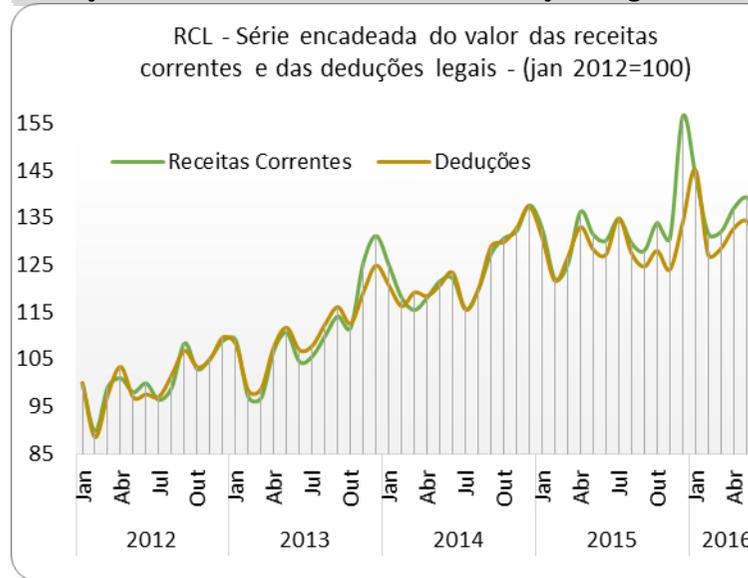
| Indicador | Mês de Referência | Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores) | | | | | | Mês/Mês Anterior (%) | Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%) | | | |
|---|-------------------|---|--|--|--|--|--|----------------------|--|------------------|-----------------------|-------|
| | | | | | | | | | Mês | Acumulada no ano | Acumulada em 12 meses | |
| Receita Corrente Líquida | Junho | | | | | | | 7,6 | -2,0 | 5,5 | 6,2 | 7,6 |
| Receita Tributária | Junho | | | | | | | 3,1 | -1,8 | 4,3 | 6,1 | 3,1 |
| ICMS | Junho | | | | | | | 1,7 | -2,1 | 4,4 | 5,2 | 1,7 |
| Receita Líquida Disponível | Junho | | | | | | | 2,6 | -2,7 | 3,1 | 4,0 | 2,6 |
| PIB 2015 - Previsão | Março | | | | | | | -4,1 | | | | -4,1 |
| Empregos com Carteira Assinada | Junho | | | | | | | -3,9 | -0,4 | | -0,4 | -3,9 |
| Produção Industrial - Indústria Geral | Maio | | | | | | | -8,0 | 0,1 | -6,2 | -7,3 | -8,0 |
| Exportações | Junho | | | | | | | -15,5 | -3,6 | -8,3 | -10,6 | -15,5 |
| Importações | Junho | | | | | | | -31,7 | -3,2 | -18,1 | -32,0 | -31,7 |
| Volume de Vendas do Comércio Varej. Ampl. | Maio | | | | | | | -12,0 | | -10,2 | -11,8 | -12,0 |
| Receita das Vendas do Comércio Varej. Ampl. | Maio | | | | | | | -3,5 | | -2,4 | -3,2 | -3,5 |
| Receita Nominal de Serviços | Maio | | | | | | | 0,7 | | -0,3 | -0,1 | 0,7 |
| Venda de Veículos Novos | Junho | | | | | | | -29,4 | -1,4 | -21,2 | -21,7 | -29,4 |
| Consumo Aparente de Cimento | nov/15 | | | | | | | -5,6 | -16,1 | -19,1 | -6,0 | -5,6 |
| Vendas de Óleo Diesel | Junho | | | | | | | -5,1 | 0,2 | 0,0 | -0,8 | -5,1 |
| Consumo de Energia Elétrica | Junho | | | | | | | -3,3 | -3,6 | 0,0 | -0,8 | -3,3 |
| Inflação (IPCA/Brasil) | Junho | | | | | | | 8,8 | 0,4 | | 4,4 | 8,8 |
| Câmbio (R\$ / US\$) posição em 3/8/2016 | Julho | | | | | | | -6,7 | -4,3 | 1,7 | -19,1 | -6,7 |

4 RECEITA CORRENTE LÍQUIDA – RCL (1)

Crescimento (%) acumulado em 12 meses



Evolução das receitas correntes e das deduções legais



DESTAQUES

Receita abaixo da inflação

A RCL de junho foi R\$ 1,668 bilhão, 2% menor que a do mês anterior e 5,5% acima do arrecadado no mesmo mês de 2015. Em 12 meses soma R\$ 19,988 bilhões, 7,6% acima do valor do mesmo período anterior.

Nestes 12 meses as receitas correntes cresceram 6%, resultado do crescimento de 11,9% das transferências correntes e de 16,9% de outras receitas correntes, já que a tributária cresceu apenas 3,1%.

O crescimento da RT foi obtido graças ao crescimento das demais receitas tributárias, já que a principal, o ICMS, cresceu apenas 1,7%.

Desta forma, a RCL cresceu 7,6% pelo crescimento de 6% das receitas correntes e pelo menor crescimento das deduções, 2,5%.

A RCL é a base para a verificação do cumprimento dos limites de Gastos com Pessoal, Dívida Consolidada Líquida, das contratações de Operações de Crédito e Concessão de Garantias.

Crescimento (%) da RCL por tipo de receita até junho

| | Var. Acumulada em 12 meses - (Base: igual período anterior) | Var. mensal (Base: mesmo mês do ano anterior) |
|-----------------------------------|---|---|
| RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (I - II) | 7,6 | 5,5 |
| RECEITAS CORRENTES 1 (I) | 6,0 | 4,4 |
| Receita Tributária (RT) | 3,1 | 4,3 |
| ICMS | 1,7 | 4,4 |
| IPVA | 6,7 | -5,3 |
| ITCMD | 13,7 | 28,8 |
| IRRF | 14,8 | 14,8 |
| Outras Receitas Tributárias | 4,9 | 4,3 |
| Transferências Correntes | 11,9 | -0,3 |
| Outras Receitas Correntes | 16,9 | 13,7 |
| DEDUÇÕES (II) | 2,5 | 1,9 |

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

(1) A RCL é o somatório das receitas tributárias, de contribuições, patrimoniais, industriais, agropecuárias, de serviços, transferências correntes e outras receitas também correntes, deduzidas as parcelas entregues aos Municípios por determinação constitucional e a contribuição dos servidores para o custeio do seu sistema de previdência e assistência social e as receitas provenientes da compensação financeira citada no § 9º do art. 201 da Constituição."

5 RECEITA TRIBUTÁRIA – RT

RECEITA TRIBUTÁRIA (1)

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

DESTAQUES

Receita em queda real

A receita tributária de 12 meses cresceu apenas 3,1% até junho. A taxa teve leve alta nessa comparação, mas ficou 5,7 p.p. abaixo da inflação do período.

82,2%

Foi a participação do ICMS na receita tributária do Estado, em junho. O tributo continua perdendo participação nas receitas tributárias.

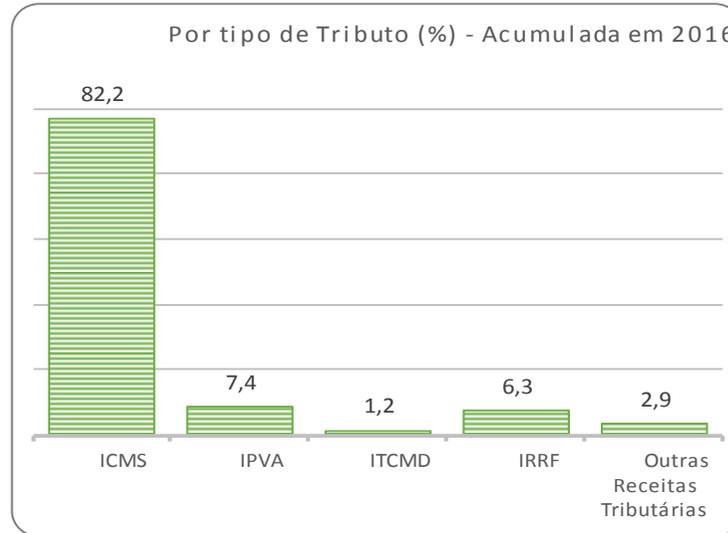
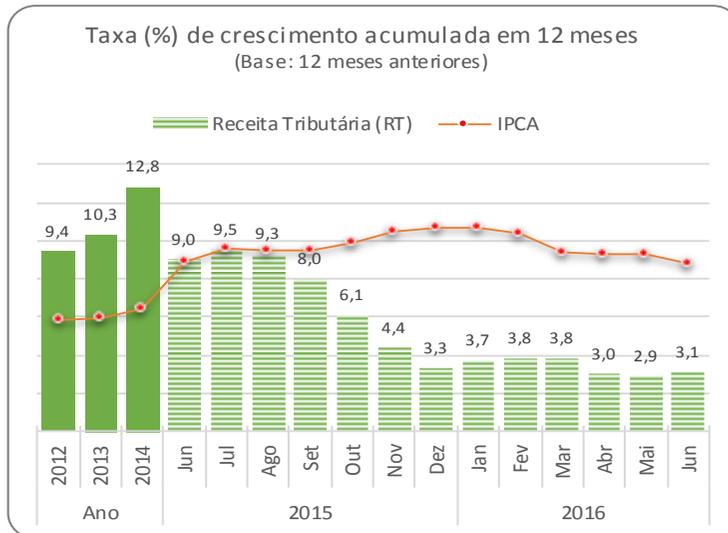
ICMS cresce bem menos que inflação

Em 12 meses a arrecadação do ICMS desacelerou rapidamente. Em junho teve pequena alta na comparação, de 1,7%, mas está bem distante da reposição inflacionária do período, de 8,8%.

ICMS menor em junho

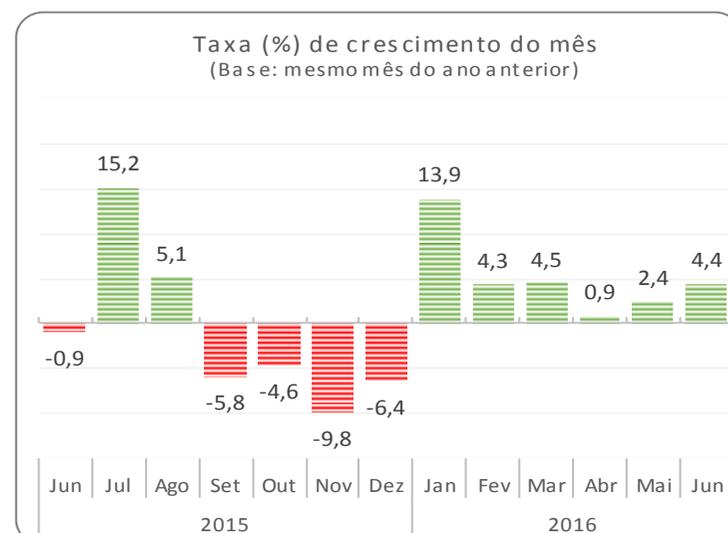
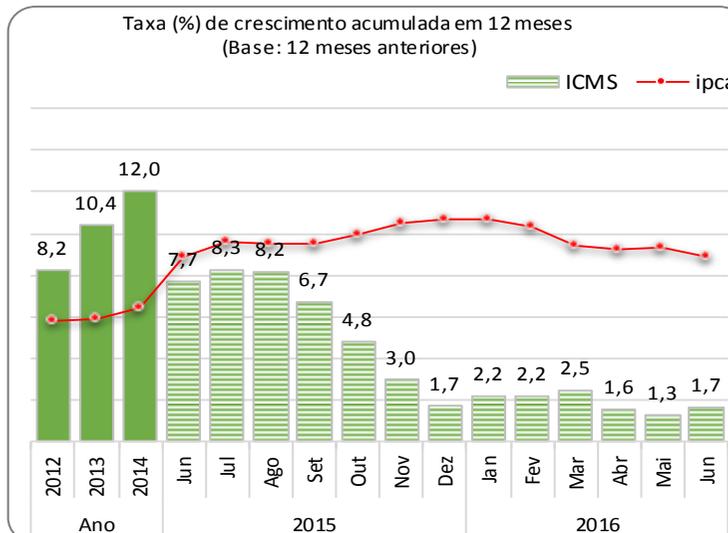
Em junho, na comparação com maio, a arrecadação do ICMS caiu 2,1% e na comparação com junho de 2015, cresceu 4,4%.

(1) A receita tributária é formada por impostos estaduais (ICMS, IRRF, IPVA, ITCMD e ITBI) e taxas pagas ao Tesouro.



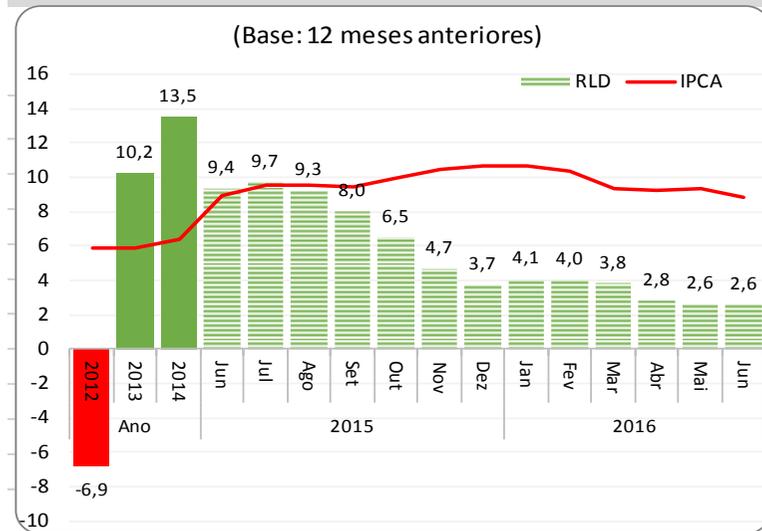
ICMS

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

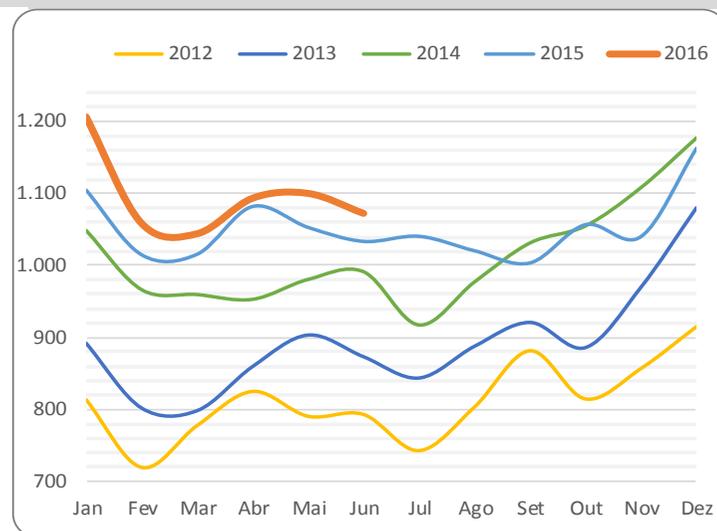


6 RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL – RLD

Crescimento (%) acumulado em 12 meses



Arrecadação mensal (R\$ milhões)



DESTAQUES

Receita em queda

A RLD de junho foi 1,072 bilhão, 2,5% menor que a de maio e apenas 3,8% acima do arrecadado no mesmo mês de 2015. Em 12 meses soma R\$ 12,9 bilhões, 2,6% acima do valor do mesmo período anterior. Cresceu portanto bem abaixo da inflação do período.

A receita tributária respondeu nos últimos 12 meses por 90,5% das receitas correntes da RLD. As transferências correntes por 8,2% e outras receitas correntes por 1,3%.

Nesses 12 meses a receita corrente cresceu 2,6%, devido à variação de 5,5% das transferências correntes e de 13,8% de outras receitas correntes. A tributária da RLD cresceu apenas 2,2%.

Na comparação com junho de 2015, a RLD cresceu 3,8%. Destacou-se na comparação o crescimento das transferências correntes e o de outras receitas correntes, já que a tributária cresceu apenas 2,4%. As deduções cresceram 0,2%.

A RLD é a base de cálculo para a definição dos valores a serem repassados pelo Poder Executivo aos demais poderes, ao MP, ao Tribunal de Contas e à UDESC.

Crescimento (%) da RCL por tipo de receita até junho

Var. Acumulada em 12 meses - (Base: igual período anterior)

Var.mensal (Base: mesmo mês do ano anterior)

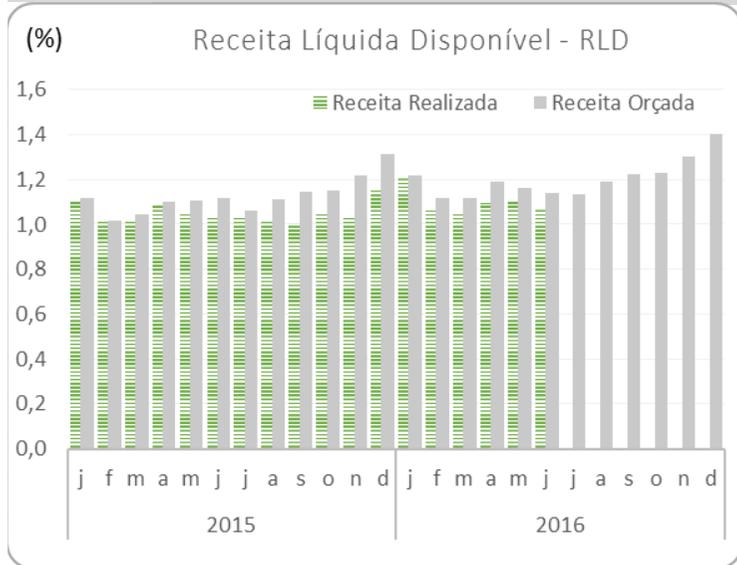
| | | |
|-------------------------------------|------|------|
| RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL (I - II) | 2,6 | 3,8 |
| RECEITAS CORRENTES 1 (I) | 2,6 | 3,1 |
| Receitas Tributárias | 2,2 | 2,4 |
| Transferências Correntes | 5,5 | 8,5 |
| Outras Receitas Correntes | 13,8 | 20,1 |
| Deduções da Receita Corrente | 2,4 | 0,2 |

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

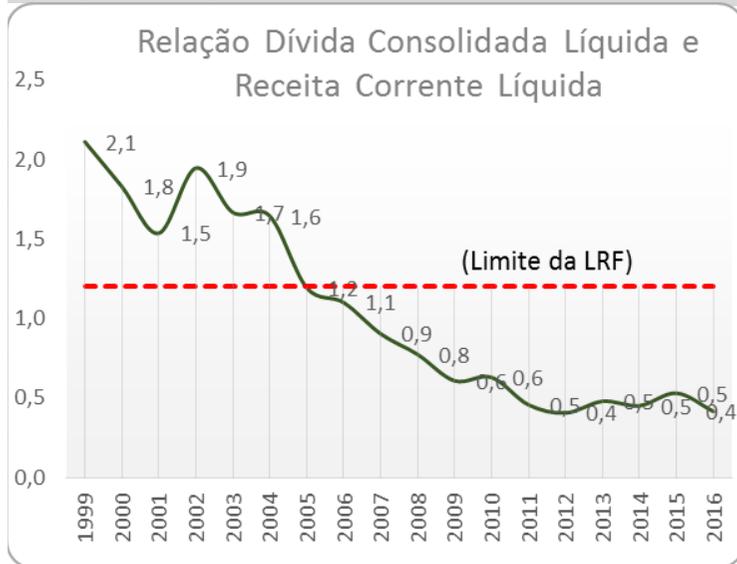
(1) A RLD é a diferença entre as receitas correntes deduzidos os recursos vinculados provenientes de taxas que, por legislação específica, devem ser alocadas a determinados órgãos ou entidades, de receitas patrimoniais, indenizações e restituições do Tesouro do Estado, de transferências voluntárias ou doações recebidas, da compensação previdenciária entre o regime geral e o regime próprio dos servidores, da cota-parte do Salário-Educação, da cota-parte da CIDE, da cota-parte da Compensação Financeira de Recursos Hídricos e dos recursos recebidos do FUNDEB.

7 OUTROS INDICADORES FISCAIS

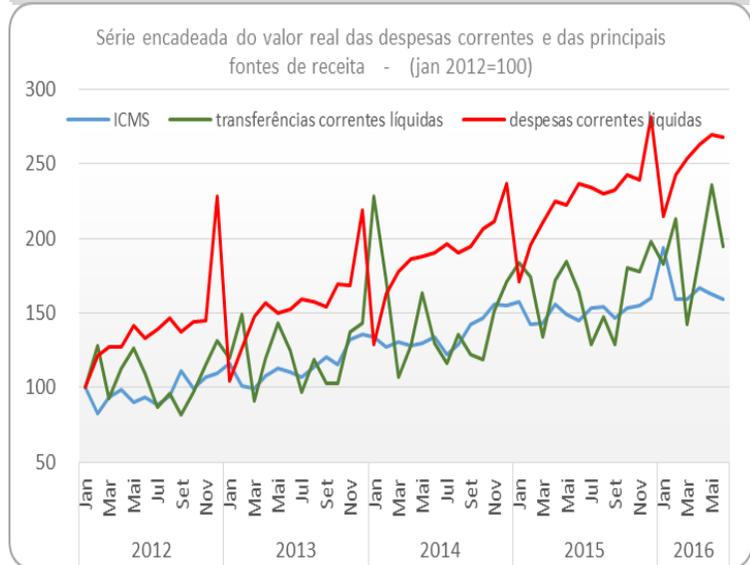
Evolução mensal (em R\$ milhões) Fonte: SEF/DIOR



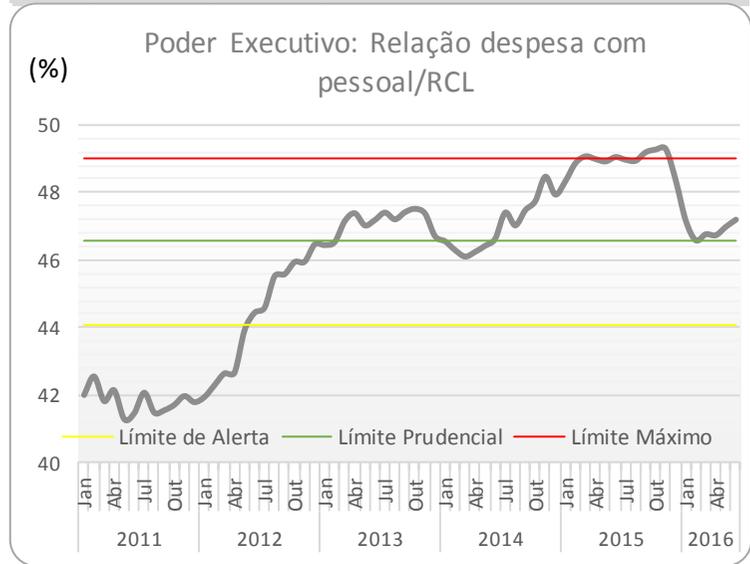
Evolução da relação dívida/receita Fonte: SEF/DICD



Evolução mensal das despesas e principais receitas SEF/DCOG



Evolução da despesa com pessoal Fonte: SEF/DCOG



DESTAQUES

Receita orçada x realizada

Na comparação entre a receita orçada pela SEF e a realizada pode-se observar certa frustração de expectativas a partir do início de 2015. Em junho, a realizada foi 5,8% menor que a orçada.

Evolução Receitas-Despesas

Na comparação da evolução real das principais receitas e das despesas correntes do Estado observa-se no período analisado um claro crescimento das despesas acima da evolução das receitas.

Relação Dívida/RCL

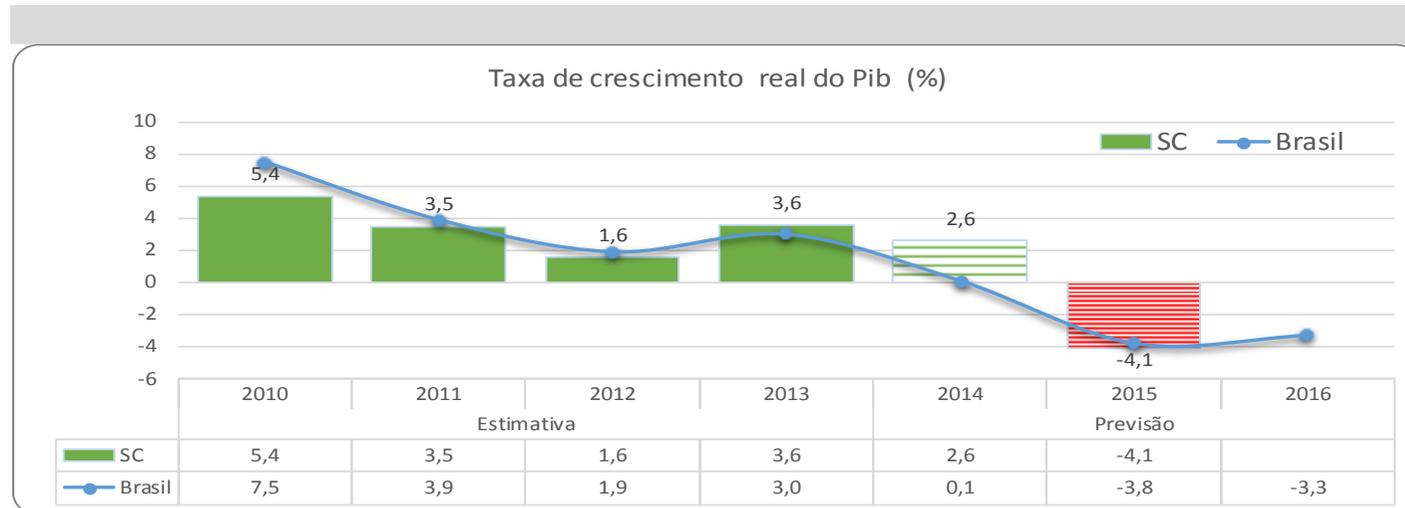
De acordo com a Lei de Responsabilidade Fiscal, a dívida consolidada líquida deve obedecer aos limites fixados, de 1,2 vezes a RCL para os Estados. A de SC, em abril, estava bem abaixo do limite exigido.

Despesas com pessoal

A Lei de Responsabilidade Fiscal estabeleceu um limite máximo de 49% da RCL para gastos com pessoal, pelo Poder Executivo. O gráfico mostra um constante crescimento dessa despesa no Estado ao longo da série, mas com uma reversão nos primeiros meses de 2016.

8 NÍVEL DE ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE

8.1 Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor



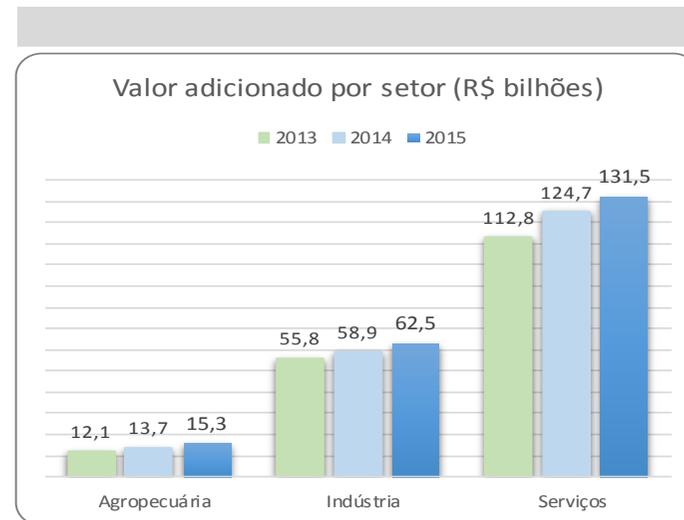
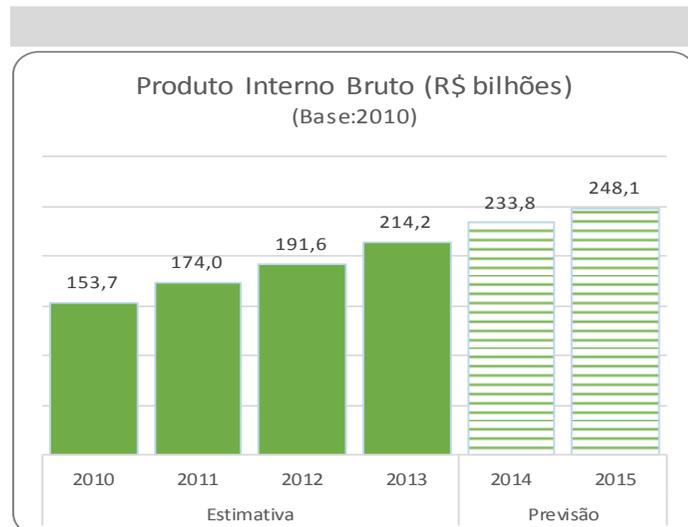
DESTAQUES

Economia em forte recessão

O Brasil enfrenta forte recessão. O trimestre terminado em março de 2016 teve queda de 5,4% no Pib; a oitava seguida quando se compara com igual trimestre do ano anterior. Em relação ao último trimestre de 2015 a queda foi 0,3%, menor do que a prevista.

Pib Catarinense cai 4,1%

Foi a previsão de retração do Pib estadual para 2015 com base nos indicadores disponíveis até março de 2016.



Os serviços retraíram 4,7%. A indústria total caiu 4,1%, sendo que a de transformação caiu 7,6%. O crescimento da agropecuária, dos serviços industriais de utilidade pública e de alguns segmentos dos serviços não compensou a retração dos demais.

Nova Base

De acordo com os novos resultados que contemplam o ano de 2010 como referência e a incorporação de uma nova classificação de produtos e atividades, o Pib estadual cresceu 3,6% em 2013, atingindo R\$ 214,2 bilhões.

Fonte: IBGE/Contas Regionais e Nacionais; SPG/SC e SEF/SC/Dior; e Bacen (RTI - 06/16).

Elaboração: SEF/DIOR

8.2 Produção Agropecuária – Produção e Preços dos Principais Produtos

DESTAQUES

Dentre os 17 principais produtos agropecuários do Estado, 7 deverão reduzir a produção em 2016 e 4, manter. Redução de área e queda na produtividade são as principais causas apontadas.

Produção de soja cresce

A produção de soja, por ser mais rentável, continua crescendo no Estado e ocupa áreas antes destinadas ao milho ou à fruticultura.

Agricultura

No primeiro quadrimestre de 2016, o Índice de Quantum da produção agrícola caiu 8,4% enquanto, o de preços, cresceu 25,1%, na comparação com os dados da safra anterior.

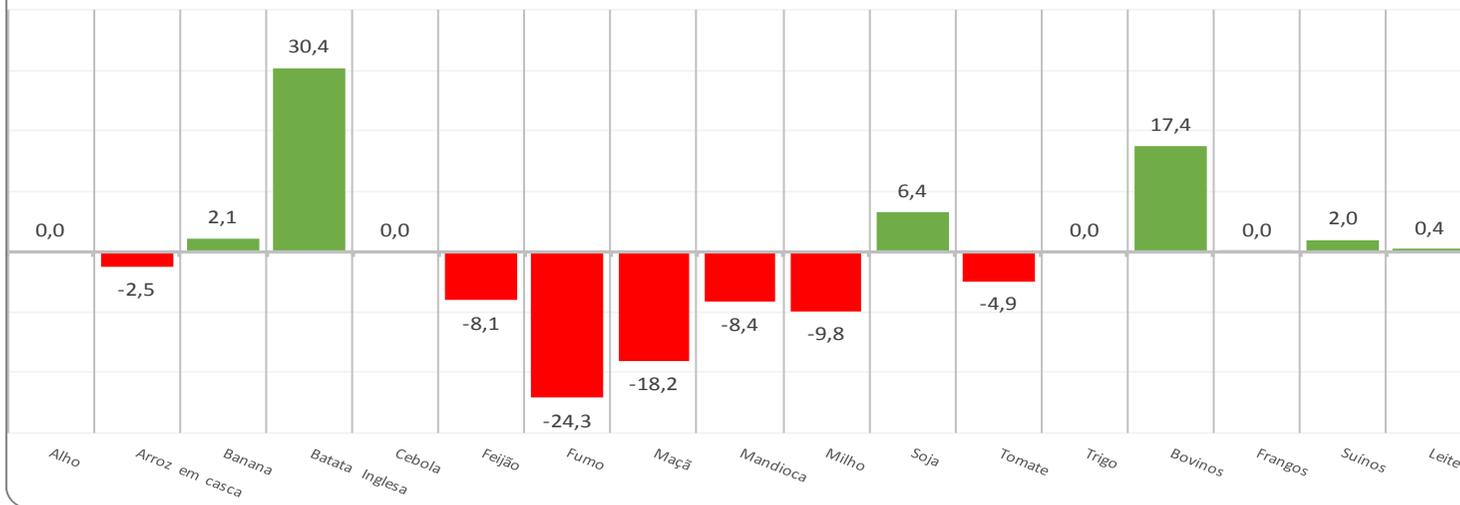
Pecuária

Na mesma comparação, o Índice de Quantum da pecuária cresceu 1,9% enquanto, o de preços, cresceu 10,2%. A bovinocultura de corte e leite devem continuar crescendo e a suinocultura voltou a crescer. A avicultura manteve-se estável.

(1) O índice de "quantum" tem como objetivo medir, em nível estadual, o desempenho físico global da produção do setor.

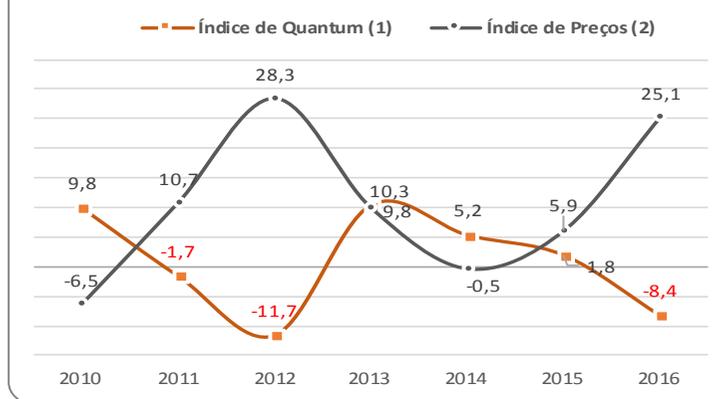
(2) O índice de preços mede as mudanças relativas nos preços dos produtos. Portanto, é um acompanhamento da variação média dos preços dos produtos.

Crescimento (%) na produção agropecuária: 2016/2015



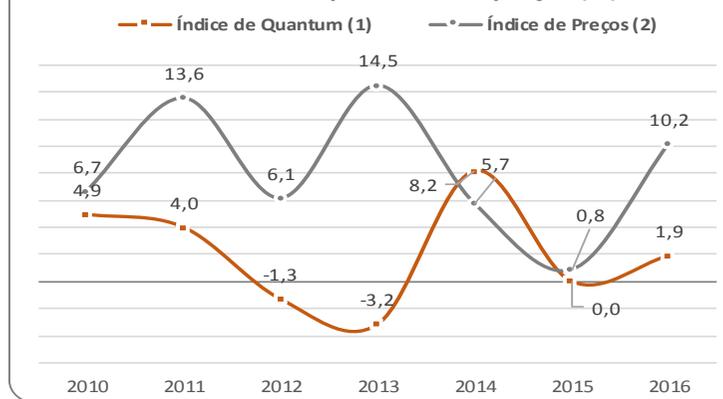
AGRICULTURA

Índice de quantum e de preços (%)



PECUÁRIA

Índice de quantum e de preços (%)



Fonte: IBGE/LSPA de abril 2016 e Pesquisa Trimestral do Leite (2015/2014); MAPA/SIPAS e DFAs maio 2016 (variação 2016/2015 da produção dos respectivos quadrimestres até maio) e EPAGRI (Preços Recebidos pelos Agricultores)

8.3 Produção Industrial Física

Fonte: IBGE/PIM

DESTAQUES

Indústria para de cair

Os resultados da indústria continuam ruins embora tenham parado de piorar. A melhora da confiança dos empresários e o setor externo tem dado um certo alento à indústria, já que a demanda interna continua deprimida.

Indicadores FIESC - Vendas

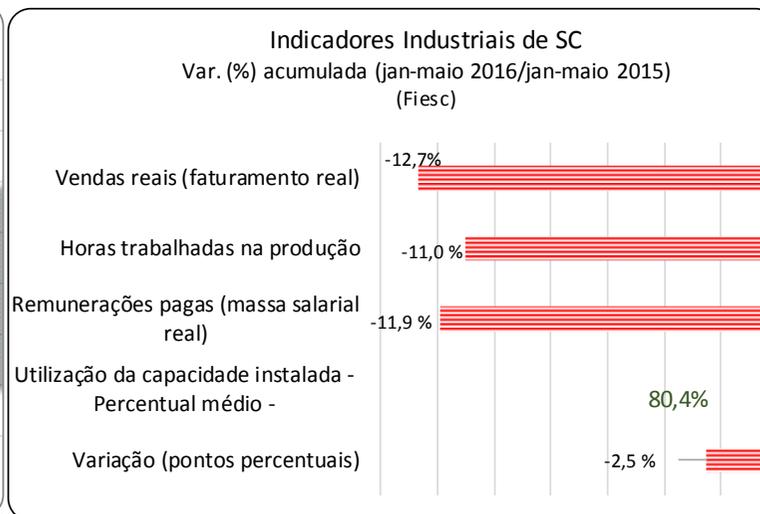
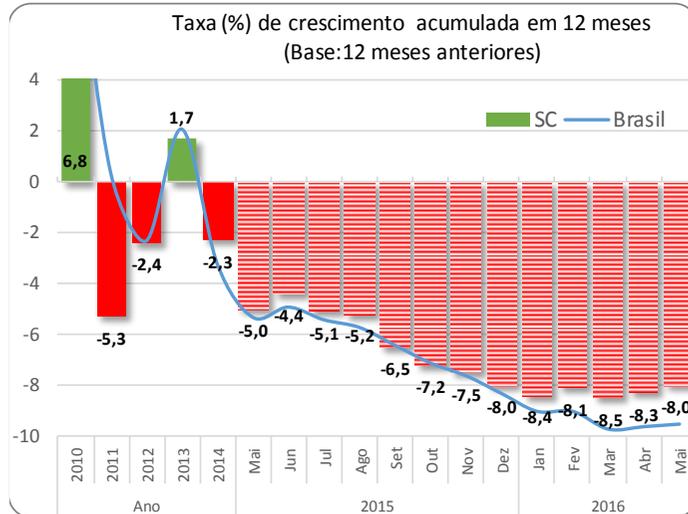
Os indicadores apontam sinais de recuperação das atividades com aumento de vendas, da utilização média da capacidade instalada e da massa salarial (exceto horas trabalhadas), na comparação com o mês anterior, porém, no acumulado em relação a 2015 permanecem negativos.

Segmentos crescem, mas sob base reduzida

Na comparação com maio de 2015, quando a indústria já sofria forte retração, dos 12 segmentos industriais pesquisados, apenas 3 tiveram crescimento da produção. Alimentos, madeira e máquinas elétricas foram os que cresceram, todos sob uma base já retraída. Os demais segmentos continuam encolhendo.

Em 2016 apenas indústria de alimentos cresce

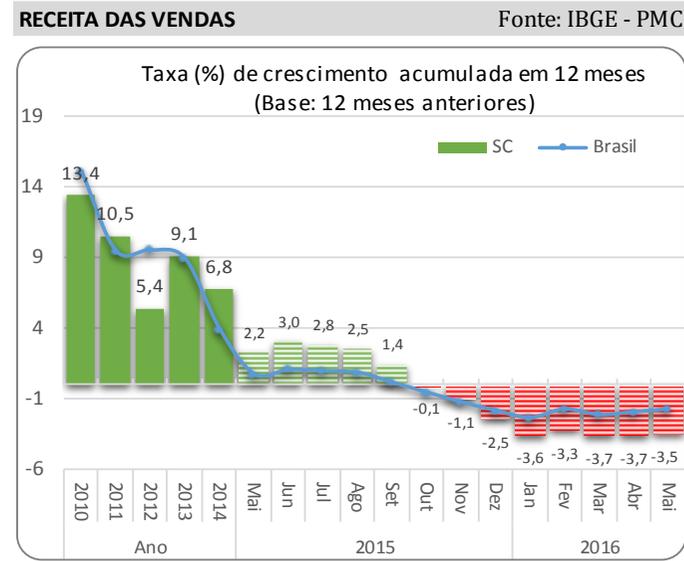
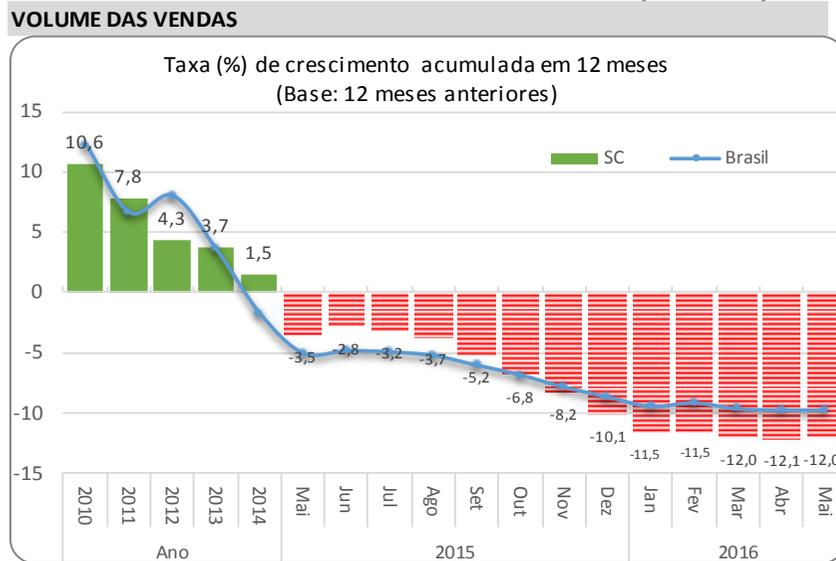
Nestes cinco primeiros meses do ano, na comparação com o período de 2015, o único segmento que cresceu no Estado foi o de alimentos. Todos os demais encolheram ainda mais, embora a maioria venha reduzindo a retração.



INDÚSTRIA GERAL POR SUBSETOR

| SUBSETOR | Varição (%) mensal (Base: igual mês do ano anterior) | Var.(%) acum. no ano - até maio (Base: igual período do ano anterior) |
|--|--|---|
| Indústria Geral - BR | -7,8 | -9,8 |
| Indústria Geral - SC | -6,2 | -7,3 |
| Produtos alimentícios | 6,8 | 4,2 |
| Produtos têxteis | -6,5 | -8,2 |
| Artigos do vestuário e acessórios | -15,5 | -2 |
| Produtos de madeira | 3,9 | -3,7 |
| Celulose, papel e produtos de papel | -4,1 | -5,2 |
| Produtos de borracha e de material plástico | -9,9 | -11,8 |
| Produtos de minerais não-metálicos | -18,5 | -16,5 |
| Metalurgia | -13,1 | -18,6 |
| Produtos de metal, exceto máq. e equip. | -21,6 | -28,9 |
| Máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 7,5 | -4,3 |
| Máquinas e equipamentos | -7,1 | -12,1 |
| Veículos automotores, reboques e carrocerias | -15,8 | -13,4 |

8.4 Volume e Receita Nominal das Vendas do Comércio Varejista Ampliado



DESTAQUES

Comércio não reage

O comércio ainda não respondeu a melhora da confiança e de alguns outros indicadores econômicos. Com a renda real em queda e o aumento do desemprego, os consumidores apertam os gastos, principalmente na compra de duráveis e supérfluos. Os resultados do mês estão no piso da série histórica.

SC se destaca

Dos 27 estados, 23 apresentaram recuo no volume de vendas, na comparação com o mês imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. No entanto, SC, com variação de 2,5%, registrou o maior avanço no volume de vendas do País, melhorando sua performance em todas as bases de comparação, embora ainda se mantenha abaixo da média brasileira.

Varejo de alimentos cai 13%

O segmento de alimentos, bebidas e fumo teve queda de 13% no volume de vendas no acumulado do ano, quando comparado com o mesmo período de 2015. A receita nominal do segmento cresceu apenas 0,4%, no período.

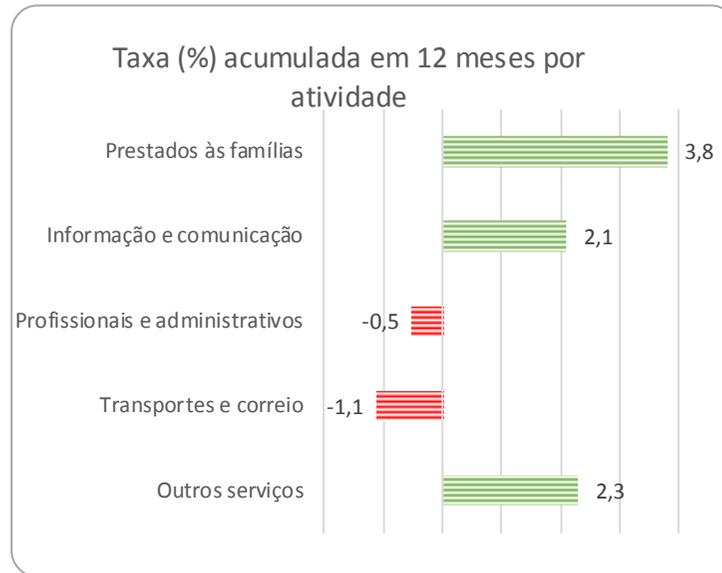
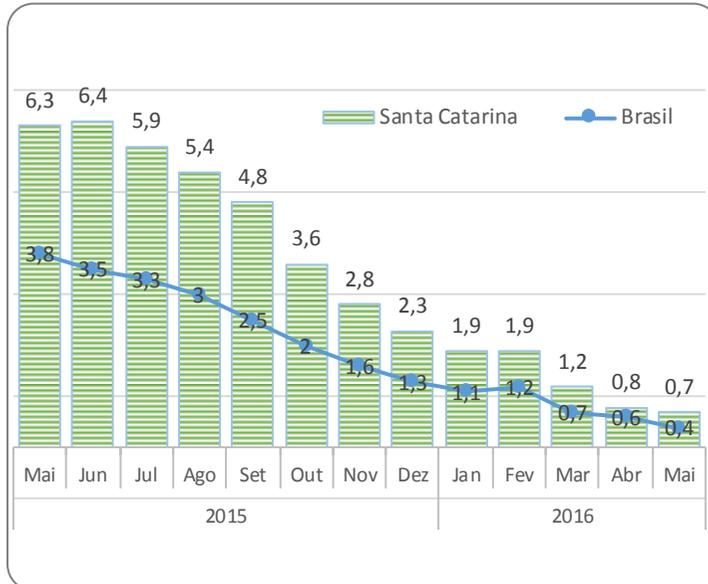
VOLUME DE VENDAS POR ATIVIDADE

| Varição (%) mensal - maio (Base: igual mês do ano anterior) | ATIVIDADES | Varição (%) acum. no ano até maio (Base: igual período do ano anterior) |
|---|--|---|
| -10,2 | Comércio geral - BR | -9,5 |
| -10,2 | Comércio geral - SC | -11,8 |
| -4,2 | Combustíveis e lubrificantes | -7,7 |
| -12,5 | Hiper., superm., prod. aliment., beb. e fumo | -13 |
| -1,5 | Tecidos, vestuário e calçados | -0,6 |
| 0,7 | Móveis e eletrodomésticos | -12,2 |
| 1,9 | Art. farmac., méd., ortop., de perf. e cosm. | 7,3 |
| -28,5 | Livros, jornais, revistas e papelaria | -17,6 |
| -30,6 | Equip. e mat. para escrit., infor. e comun | 24,2 |
| -3,3 | Outros artigos de uso pessoal e doméstico | 3,5 |
| -14,1 | Veículos, motocicletas, partes e peças | -15,9 |
| -10,7 | Material de construção | -13,5 |

8.5 Receita Nominal do Setor de Serviços

TAXA (%) DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (Base: 12 meses anteriores)

Fonte: IBGE/PMS



DESTAQUES

Serviços em queda

A taxa de crescimento da receita dos serviços continua caindo na comparação anual. O ritmo dessa queda, entretanto, parece dar sinais de redução.

A redução da massa salarial, o corte nos gastos das empresas e a crise na indústria explicam a retração na receita dos serviços.

Transportes têm o pior desempenho

A forte queda nos serviços prestados nos segmentos de transporte tem puxado o resultado ruim do setor.

Em maio, na comparação com o mesmo mês de 2015, a receita caiu 0,3% no Estado e 0,7% na média do País. A forte queda nos serviços de transporte teve a maior influência no resultado.

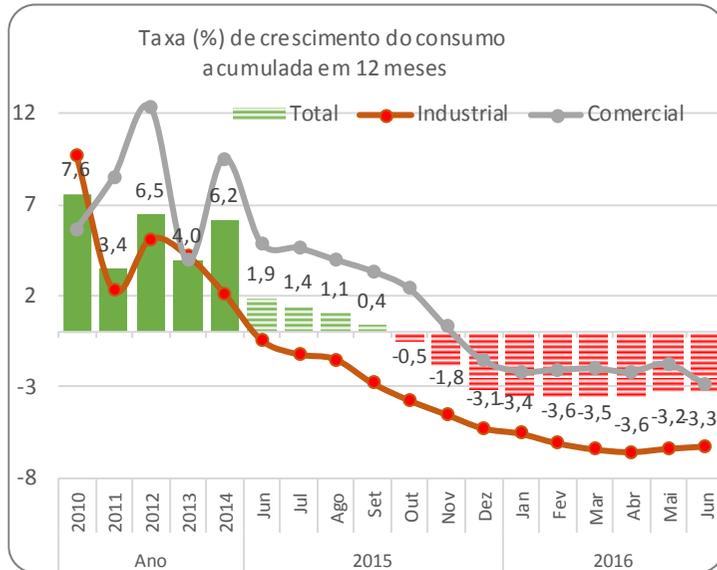
TAXA (%) DE CRESCIMENTO DA RECEITA NOMINAL DO SETOR DE SERVIÇOS, SEGUNDO AS ATIVIDADES

| Setor e Atividade (PMS- IBGE) | Variação (%) mensal - maio (Base: mesmo mês do ano anterior) | Var.(%) acum. no ano - até maio (Base: igual período do ano anterior) |
|--|--|---|
| Receita Total - BR | -0,7 | 0,2 |
| Receita Total - SC | -0,3 | -0,1 |
| Serviços prestados às famílias | -0,8 | 4,6 |
| Serviços de informação e comunicação | 2,3 | 1,8 |
| Serv. profissionais, administr. e complementares | 1,7 | 3,3 |
| Transportes, serv. auxil. aos transportes e correios | -4,4 | -4,6 |
| Outros serviços | 9 | 3 |

8.6 Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica

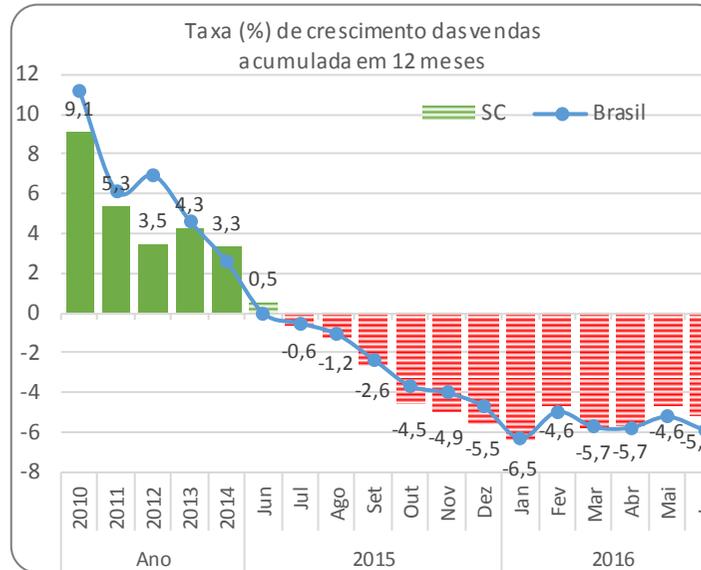
ENERGIA ELÉTRICA

Fonte: CELESC



ÓLEO DIESEL

Fonte: ANP



DESTAQUES

Energia Elétrica

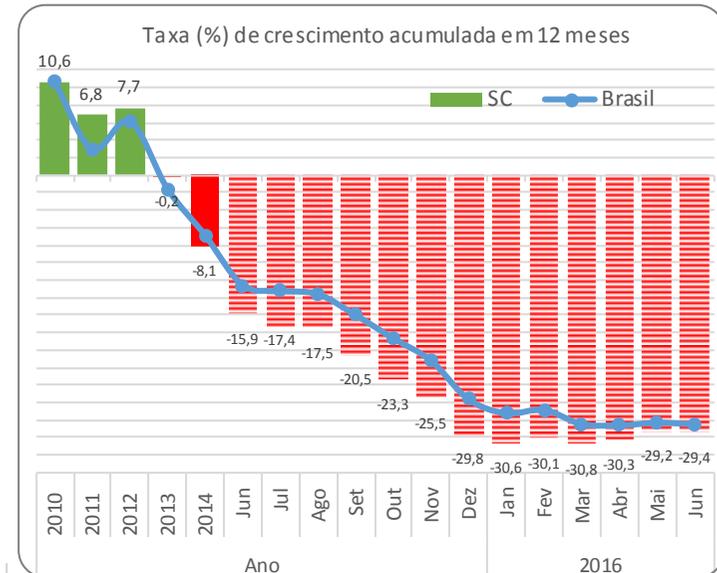
A taxa de crescimento do consumo total de energia elétrica parou de cair em abril. A partir de então, houve pequena melhora no consumo industrial, mas, a tendência de queda ainda persistia na comércio.

Óleo Diesel

A retração dos serviços de transporte tem derrubado o desempenho das vendas de óleo diesel no Estado. No País, a queda nas vendas tem se mostrado maior.

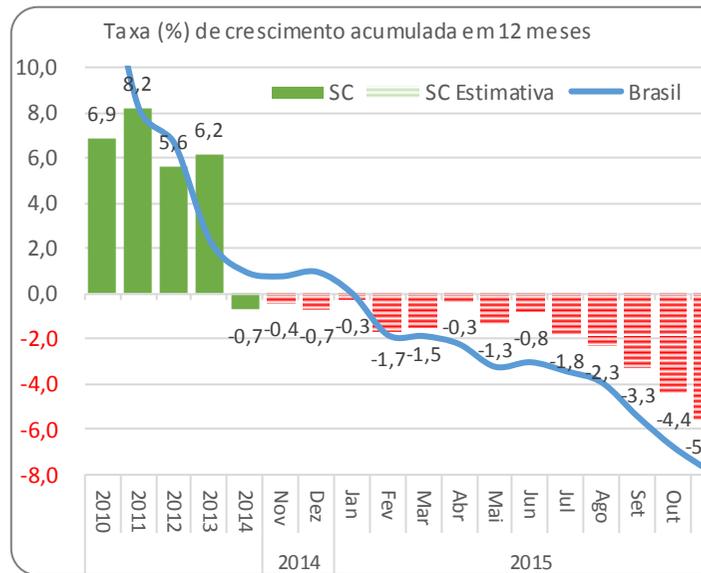
EMPLACAMENTO DE VEÍCULOS NOVOS

Fonte: FENABRAVESC



CONSUMO APARENTE DE CIMENTO

Fonte: SNIC



Veículos: leve recuperação

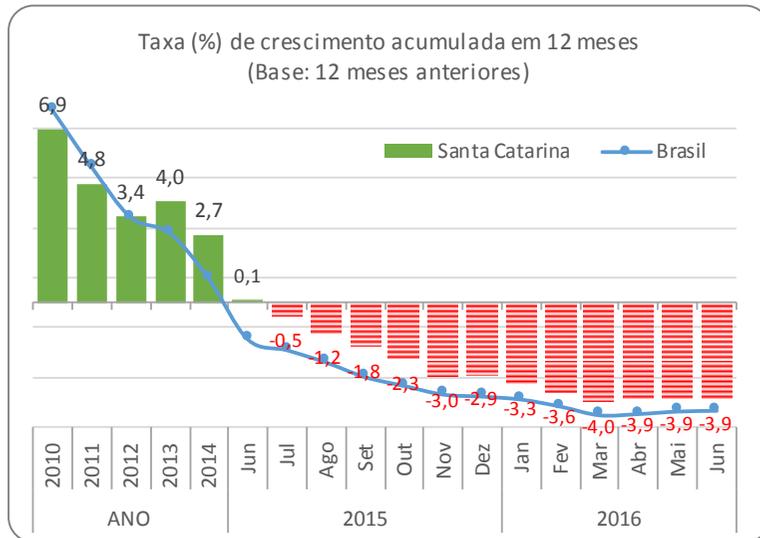
A queda nas vendas de veículos é crítica, tanto no Estado como no País. No entanto, o mercado dá sinais de parar de piorar. Em junho, no País, os emplacamentos cresceram pelo segundo mês consecutivo.

Cimento

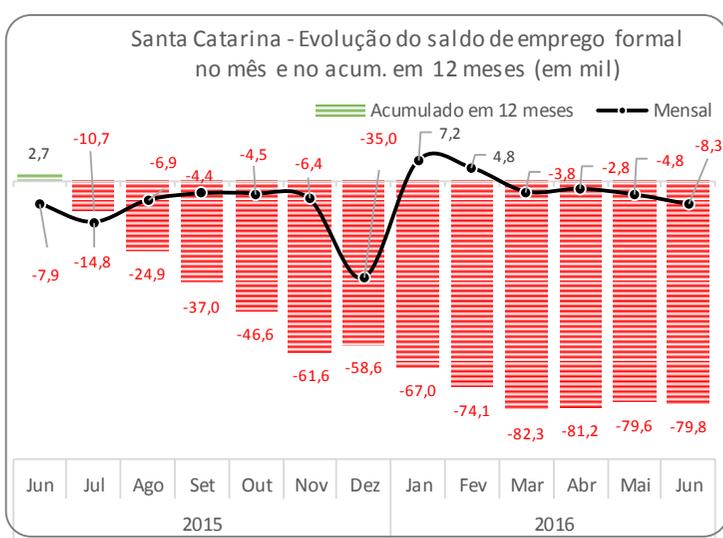
O consumo no País teve forte desaceleração em 2014 e seguiu caindo ao longo do ano passado. A queda em nível nacional foi bem superior à estadual.

8.7 Mercado de Trabalho

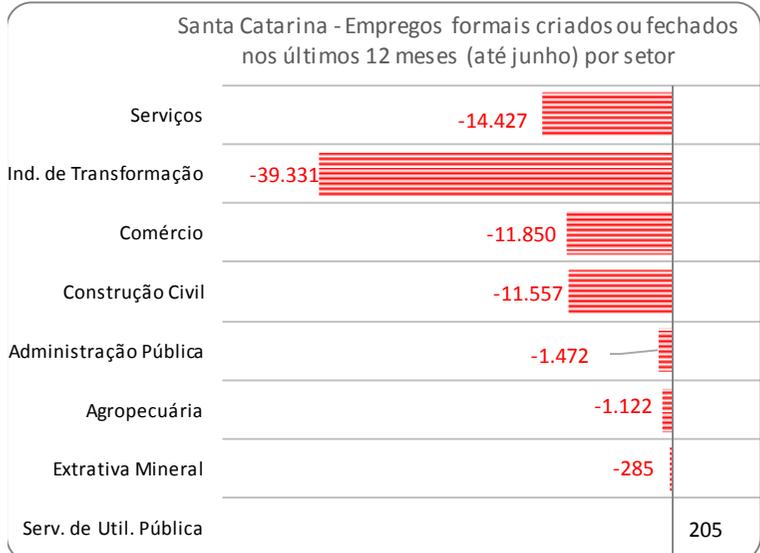
EMPREGO Fonte: MTE/CAGED



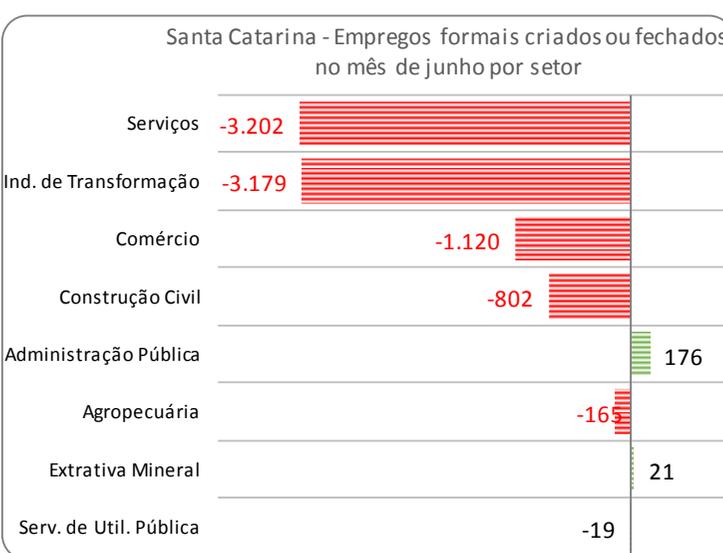
EMPREGO : Saldo de emprego Fonte: MTE/CAGED



EMPREGO FORMAL POR SETOR Fonte: MTE/CAGED



EMPREGO FORMAL POR SETOR Fonte: MTE/CAGED



DESTAQUES

Emprego abaixo das expectativas

Renda caindo e crédito restrito continuam retraindo o consumo, a produção e o emprego. Somente em junho foram fechadas 8,3 mil vagas no Estado e 91 mil no País, frustrando expectativas.

Em 12 meses, o número de postos de trabalho em SC manteve-se praticamente estável, na comparação com os 3 meses anteriores. Foram 79,8 postos fechados.

Serviços passam a liderar demissões

Em 12 meses, a indústria de transformação foi o setor que mais demitiu, mas vem reduzindo o saldo, assim como o comércio. No entanto, o setor de serviços, o maior da economia catarinense, aumentou o saldo de demitidos. Em junho, liderou as demissões pela primeira vez no ano.

Desemprego cresce

A taxa de desemprego no Estado passou de 4,2% no quarto trimestre de 2015, para 6% no primeiro trimestre de 2016. A taxa teve um crescimento significativo, mas ainda é a menor do País, cuja taxa está em 10,9%, ante 9% no trimestre anterior. Os dados são do IBGE/Pnad Contínua.

8.8 Comércio Exterior

BALANÇA COMERCIAL DE SANTA CATARINA

Fonte: MDIC

DESTAQUES

Déficit comercial mantém trajetória de queda

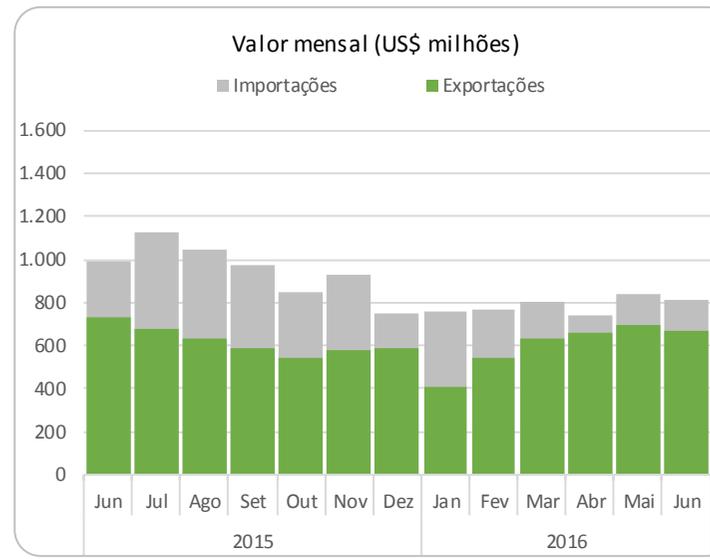
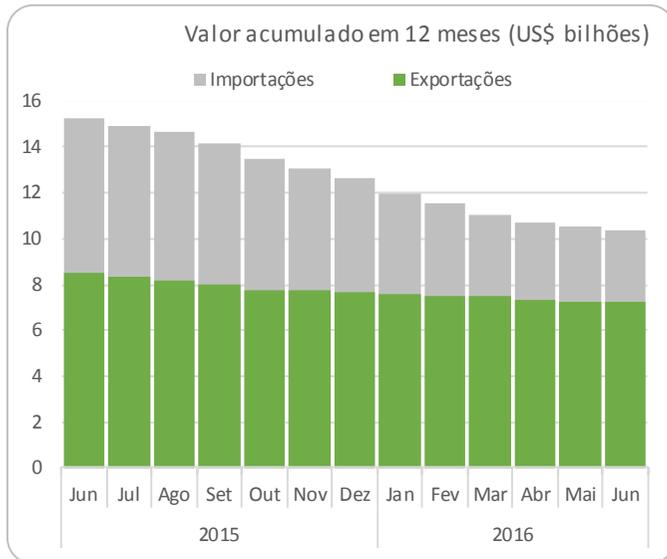
O ajuste no câmbio e a retração econômica estão permitindo a diminuição do déficit comercial do Estado. Mas a redução deve-se principalmente à forte queda das importações.

Exportações caem em junho

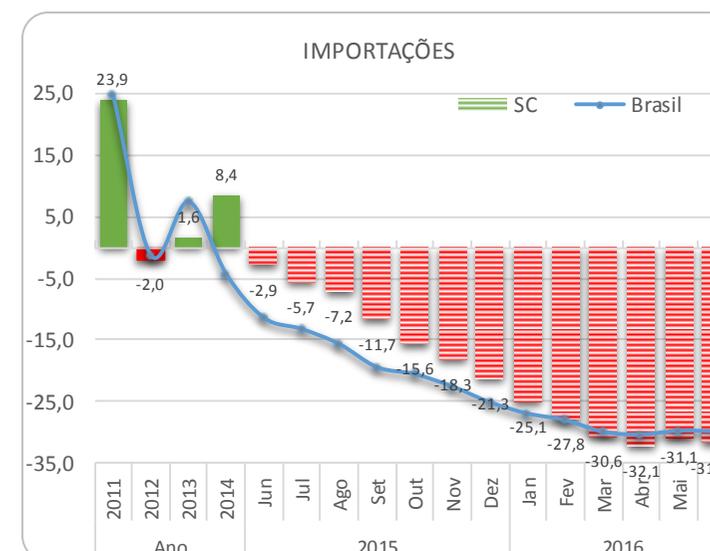
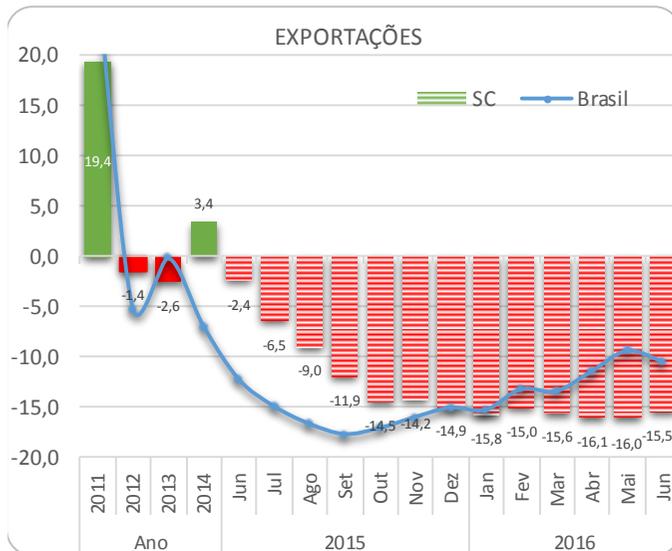
O valor das exportações em dólares voltou a cair em junho. No mês, caiu 3,6%, na comparação com o mês anterior. A queda ocorreu depois de 4 meses de alta nessa comparação. As importações caíram 3,2% frente a maio.

No acumulado do ano o valor exportado caiu 10,6% em dólares. Entre os 10 maiores parceiros, houve redução para os EUA, Japão, Países Baixos, México, Reino Unido, Alemanha e Rússia. Cresceram as vendas para China, Argentina e Chile.

As carnes de aves foram o principal item exportado pelo Estado neste ano. O volume aumentou 12%, mas o valor em dólares caiu quase 5%. Ainda assim, a remuneração em reais cresceu, já que a desvalorização do Real no período

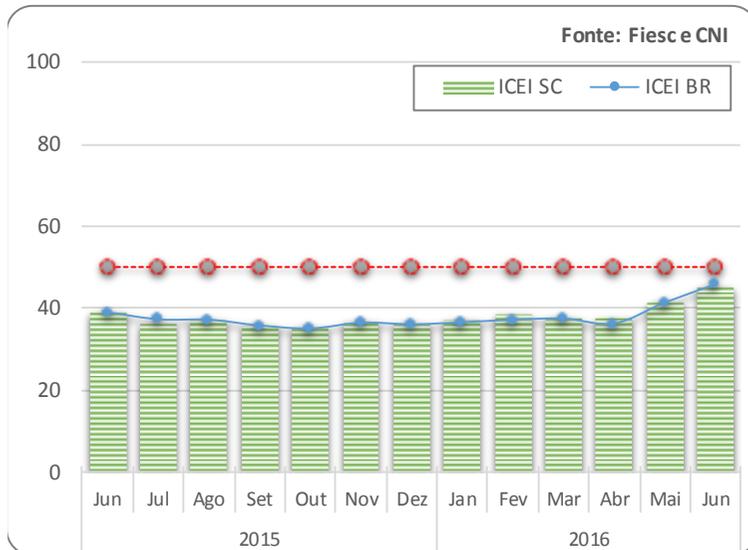


TAXA (%) DE CRESCIMENTO ACUMULADA DE 12 MESES (Base: 12 meses anteriores)

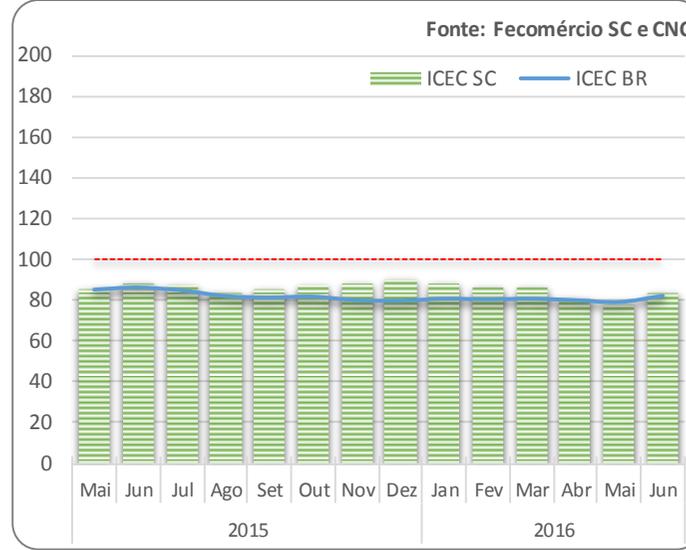


8.9 Índices de Confiança

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL CATARINENSE - ICEI



ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO - ICEC



DESTAQUES

Indústria: confiança melhora

A confiança e expectativas dos industriais catarinenses na economia deram sinais de melhora pelo segundo mês consecutivo. O indicador, embora ainda esteja na zona de pessimismo é o melhor desde outubro de 2014.

Comércio mais otimista

O pessimismo diminuiu em junho, tanto no Estado como no País. A mudança de gestão econômica e a perspectiva de uma saída mais rápida da crise explicam a reversão de tendência.

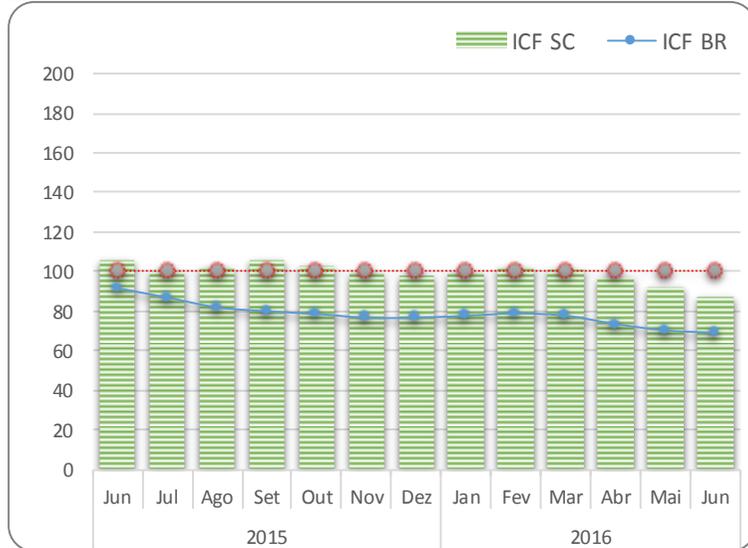
Consumidor ainda pessimista

A intenção de consumo do catarinense continua em queda. Os itens emprego atual, nível de consumo atual, perspectiva de consumo e momento para duráveis atingem o menor nível da série.

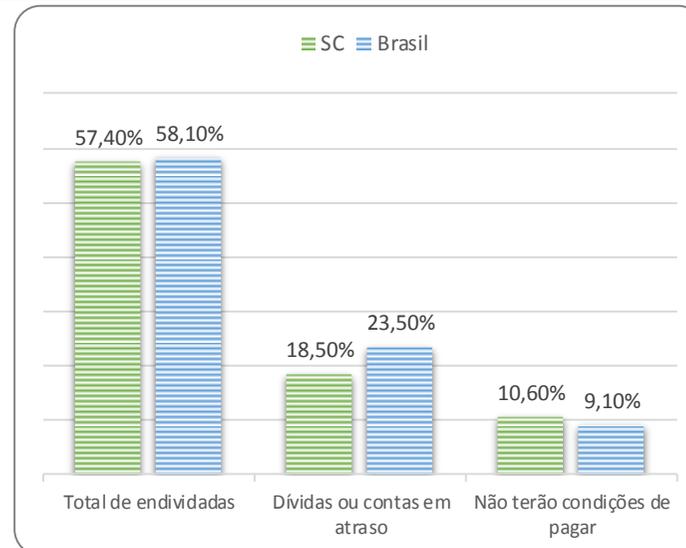
Endividamento fica estável

O endividamento dos catarinenses permaneceu estável entre maio e junho, mas aumentou a parcela dos inadimplentes e dos que declararam não ter condições de pagar. A queda na renda real das famílias é a principal razão.

INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS - ICF



ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS - junho 2016

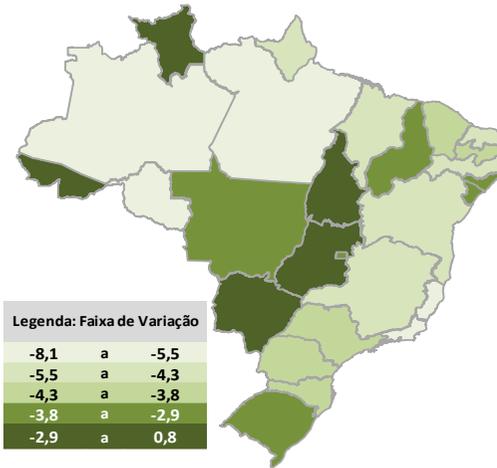


- (1) O ICEI mede a opinião dos industriais sobre as condições econômicas. Varia no intervalo de 0 a 100. Acima de 50 indica confiança e, abaixo, falta de confiança na economia.
- (2) O ICEC mede a percepção dos empresários do comércio no seu ambiente de negócios. Varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a insatisfação e a satisfação dos empresários. (3) O ICF varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a avaliação de pessimismo e de otimismo das famílias.

8.10 Desempenho dos Estados

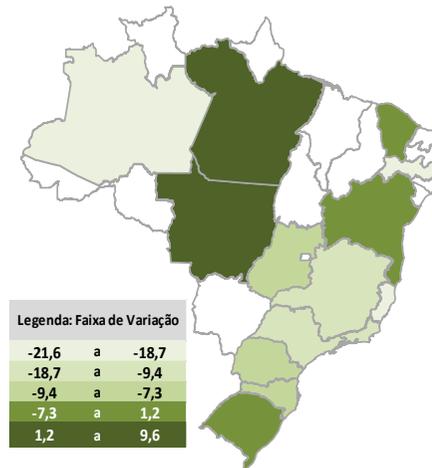
Desempenho dos Estados - Taxa (%) de crescimento acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)

Emprego formal - Junho



| Posto dos 14 maiores estados e DF | |
|-----------------------------------|------------------------|
| 1 | Goiás -2,6 |
| 2 | Mato Grosso -2,9 |
| 3 | Distrito Federal -3,4 |
| 4 | Rio Grande do Sul -3,6 |
| 5 | Santa Catarina -3,9 |
| 6 | Paraná -4,0 |
| 7 | Ceará -4,0 |
| 8 | São Paulo -4,2 |
| 9 | Minas Gerais -4,5 |
| 10 | Bahia -4,6 |
| 11 | Pernambuco -5,5 |
| 12 | Rio de Janeiro -5,5 |
| 13 | Pará -5,6 |
| 14 | Espírito Santo -5,8 |
| 15 | Amazonas -8,1 |

Produção Física da Indústria - Maio



| Posto dos 14 maiores estados | |
|------------------------------|------------------------|
| 1 | Pará 9,6 |
| 2 | Mato Grosso 7,4 |
| 3 | Bahia 1,2 |
| 4 | Ceará -5,8 |
| 5 | Rio Grande do Sul -6,2 |
| 6 | Santa Catarina -7,3 |
| 7 | Goiás -8,1 |
| 8 | Paraná -8,9 |
| 9 | Minas Gerais -9,4 |
| 10 | Rio de Janeiro -9,5 |
| 11 | São Paulo -9,8 |
| 12 | Pernambuco -18,7 |
| 13 | Amazonas -18,8 |
| 14 | Espírito Santo -21,5 |

DESTAQUES

Emprego: redução generalizada

A recessão teve forte impacto no mercado de trabalho em todos os estados brasileiros. Aqueles de economia predominantemente agrícola estão entre os menos prejudicados.

Indústria - tímida recuperação

Apesar de uma tímida recuperação nos últimos 4 meses, a indústria nacional vem passando por uma crise ampla e longa. Na passagem de abril para maio, SC recuperou 1 posição no crescimento da produção industrial entre os estados.

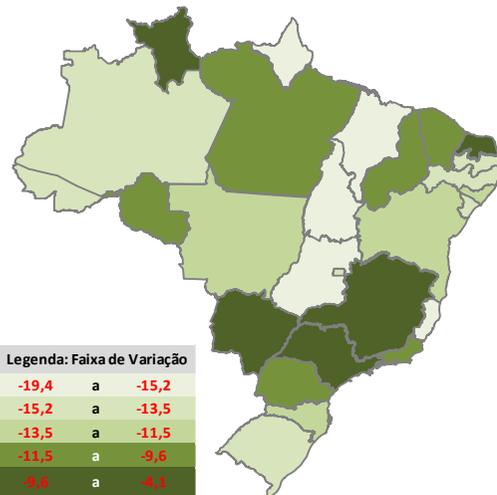
Comércio: SC mantém retração maior que a média dos Estados

A retração no comércio também é generalizada entre os estados brasileiros. O comércio catarinense vem perdendo posições nos últimos meses com uma retração maior que a da média nacional, de 9,7%.

Serviços: Estado melhora no ranking

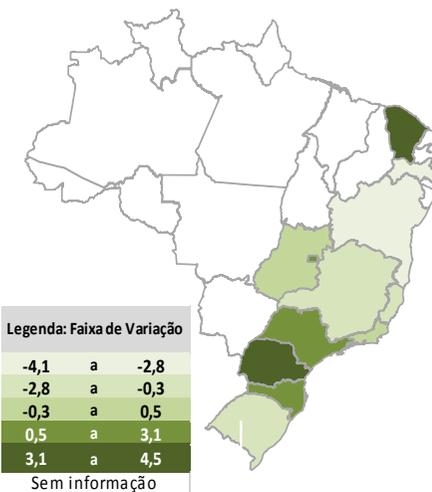
A taxa de crescimento da receita dos serviços vem evoluindo bem abaixo da inflação em todos os estados. Santa Catarina recuperou uma posição e está entre aqueles que menos retraíram.

Vol. de vendas no comércio varejista ampliado - Maio



| Rank dos 14 maiores estados e DF | |
|----------------------------------|-------------------------|
| 1 | São Paulo -5,1 |
| 2 | Minas Gerais -6,7 |
| 3 | Paraná -10,0 |
| 4 | Pará -10,7 |
| 5 | Rio de Janeiro -11,2 |
| 6 | Ceará -11,5 |
| 7 | Bahia -11,6 |
| 8 | Mato Grosso -11,8 |
| 9 | Santa Catarina -12,0 |
| 10 | Amazonas -13,5 |
| 11 | Distrito Federal -14,0 |
| 12 | Rio Grande do Sul -14,1 |
| 13 | Pernambuco -14,7 |
| 14 | Goiás -16,3 |
| 15 | Espírito Santo -18,8 |

Receita nominal do setor de serviços - Maio



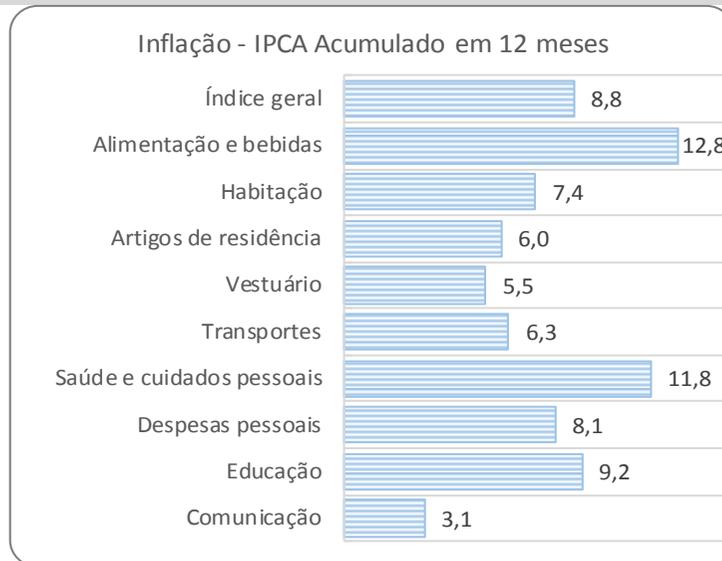
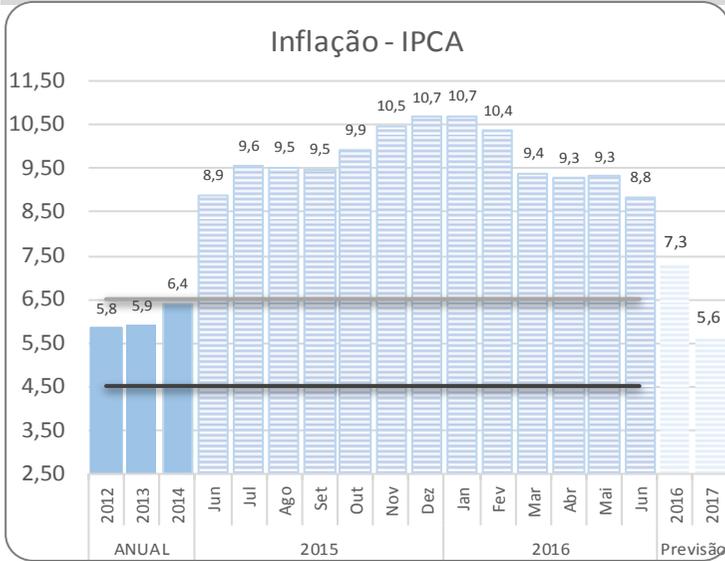
| Posto dos 11 maiores estados e DF | |
|-----------------------------------|------------------------|
| 1 | Ceará 4,5 |
| 2 | Paraná 3,5 |
| 3 | Distrito Federal 2,9 |
| 4 | Santa Catarina 0,7 |
| 5 | São Paulo 0,6 |
| 6 | Rio de Janeiro 0,3 |
| 7 | Goiás 0,1 |
| 8 | Rio Grande do Sul -0,4 |
| 9 | Minas Gerais -0,6 |
| 10 | Espírito Santo -2,7 |
| 11 | Pernambuco -2,9 |
| 12 | Bahia -4,1 |

9 OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS – INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO

Fonte: IBGE/Bacen

ÍPCA-Var. (%) acum. em 12 meses até junho, por setor

DESTAQUES



Inflação recua lentamente
 Desde janeiro a inflação vem perdendo força. Em 12 meses, o índice caiu para 8,84% em junho, enquanto se situava em 9,32% mesmo período anterior.

Inflação de alimentos continua a mais alta
 Ao nível de grupo de produtos e serviços, 8 dos 9 pesquisados mostraram desaceleração na taxa de crescimento de 12 meses. A maior alta no período continua com o segmento de alimentação e bebidas.

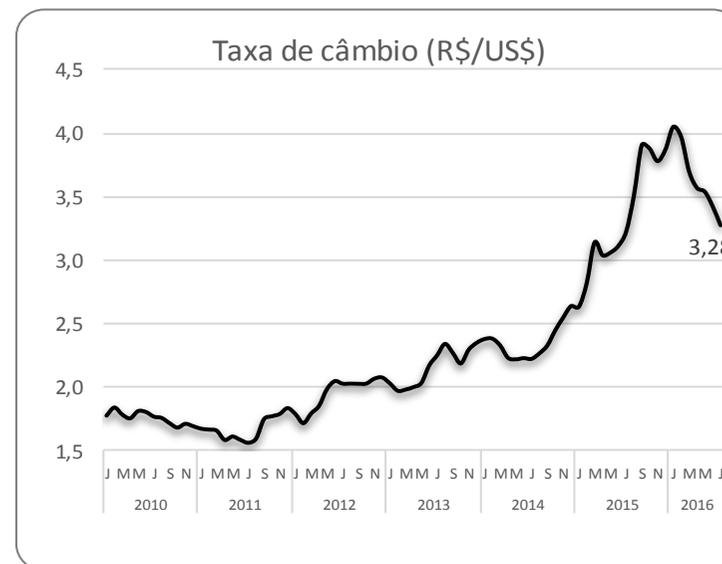
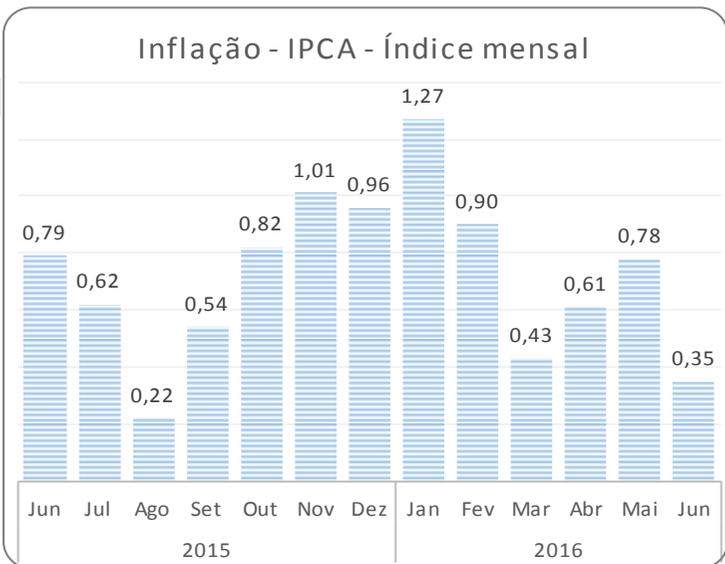
Ainda longe da Meta
 Diante da forte recessão que provocou queda nas vendas do comércio, nas receitas dos serviços e na produção industrial, a inflação passa a desacelerar lentamente. O IPCA de junho apresentou variação de 0,35%, menos da metade da taxa de 0,78% de maio. A recente valorização do Real também contribui no combate à inflação.

INFLAÇÃO

Fonte: IBGE

CÂMBIO

Fonte: Bacen

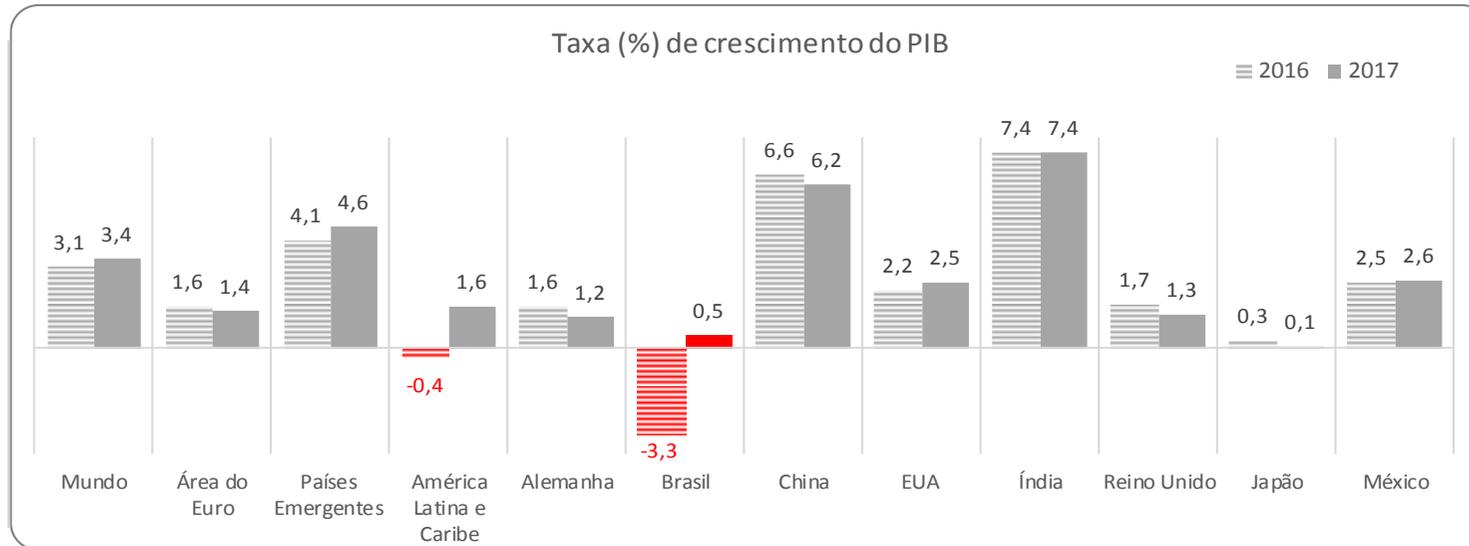


Real segue valorizando
 A sinalização de manutenção dos juros americanos nos níveis atuais tem sido a alavanca para a valorização recente do Real. Também contribuem a ampla disponibilidade de reservas cambiais do País, a melhora na confiança e o investimento direto estrangeiro que tem sido suficiente para financiar a conta corrente.

10 ECONOMIA INTERNACIONAL

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

Fonte: FMI - World Economic Outlook Database - Julho de 2016



DESTAQUES

Cai PIB Mundial

FMI reduz em 0,1 p.p. a estimativa de crescimento do PIB mundial de 2016 para 3,1%. Para 2017, está em 3,4%.

Brasil melhora perspectiva

Pela primeira vez em 4 anos, o Brasil tem melhora na projeção do PIB. O relatório de julho aponta retração de 3,3% para 2016, ante 3,8% da projeção de abril. Para 2017, a projeção passou a apontar crescimento de 0,5%.

Segundo o relatório houve melhora nas expectativas de empresas e consumidores do País, além de um fortalecimento de condições nos mercados financeiros. No entanto, a instituição adverte que persistem incertezas tanto na política como na economia.

Commodities

Os preços internacionais de algumas commodities voltaram a cair em julho. O petróleo caiu 14,5%, a soja, 12% e o milho, 6,7%. Em 12 meses, o preço do petróleo caiu 18,6% e o do milho 9,8%. O da soja, no entanto, teve alta de 5,3% no período.

COMMODITIES - Preços no Mercado Internacional (Em US\$)

Fonte: Bloomberg/Banco Central do Brasil- junho de 2016

